

Qual o sentido das 10 pragas do Egípto?

As “pragas do Egípto” estão narradas no livro do Êxodo (7-12):

1. Águas do Nilo em sangue (7, 14-24);
2. Rãs nos rios e nas casas (7, 26-8, 11);
3. Invasão de mosquitos (8, 12-15);
4. Ataque de moscas venenosas (8, 16-28);
5. Peste no gado (9, 1-7);
6. Úlceras nos homens e animais (9, 8-12);
7. Granizo (9, 13-35);
8. Invasão de gafanhotos (10, 1-20);
9. Trevas no país (10, 21-27);
10. Morte dos primogênitos (12, 29-34);

Segundo a Escritura, as pragas tinham a finalidade de persuadir o faraó a libertar o povo de Israel. Esta epopeia culmina na cena do Mar Vermelho, onde o exército do faraó será engolido pelas águas.

As façanhas de Deus em favor do seu povo serão sempre lembradas como “ações prodigiosas” e “sinais” de Javé Deus (Dt 4, 34; 6, 22; 7, 19; 26, 8; Js 24, 5; Sl 78, 43; etc...).

Algumas tentativas de explicação desses fenômenos naturais (cientifismo):

- As significativas mudanças climáticas, altas temperaturas, escassez de chuva (seca) alteraram as características do rio Nilo, nomeadamente o aparecimento de uma alga (*oscillatoria rubescens*), que em águas quentes e pouco movimentadas, torna-se de cor avermelhada.
- Entrou em erupção o vulcão Santorini (1600 e 1400 a. C.), situado 200 km a sudeste da Grécia continental e a 700 km do Egípto. Terremotos terão provocado fissuras no fundo do rio e das fendas saiu um gás que se misturou com o ferro do rio que coloriu as águas.
- Conjeturou-se que a tal alga provocara a saída das rãs (2ª praga), assim, sem o seu natural predador surgiu o aparecimento dos piolhos e moscas (3ª e 4ª pragas); isso terá favorecido a manifestação de sarna nos animais (5ª praga), juntamente com condições muito precárias de higiene, próprias daquela altura, apareceram úlceras nos animais e pessoas (6ª praga).
- A erupção do Santorini trouxe nuvens de cinzas, fumarolas e gases que provocaram alterações ambientais, granizo e as chuvas ácidas forçaram os insetos típicos daquelas regiões quentes (gafanhotos) a migrarem formando gigantescas pragas, acrescentando as tempestades de areia que destruíram colheitas, trouxeram a fome e conseqüente miséria e morte (8ª e 9ª praga – trevas no país).
- Desmitologização, ou seja, desmontar o mito construído à volta dos falsos deuses egípcios: o autor sagrado que elabora a redação final do texto tem como objetivo desconstruir o mito dos falsos deuses, ou seja, destruir as divindades mais populares do antigo Egípto. Por ex.: o deus Mênfis, deus da fertilidade e dos rebanhos. Dito de outra forma: os deuses dos egípcios são falsos porque não podem nada contra o verdadeiro Deus Javé. Cada uma das pragas vai como que “ridicularizar” e destruir a crença dos egípcios nos seus deuses: transformar as águas do Nilo em sangue é destronar o deus Hapi que era o deus da fertilidade. A grande multiplicação das rãs fez com que a deusa Heqet parecesse maligna. A deusa Hapi tinha um corpo humano mas com cabeça de rã.
- Outro exemplo é são os magos egípcios tentarem reproduzir o mesmo que Arão fez com a sua vara, mas não conseguem e proclamaram: “*Isto é dedo de Deus*” (Ex 8, 15). Reconheceram que esse foi um grande golpe para a religião egípcia. A partir da 4 praga há uma nítida separação entre egípcios e israelitas, entre fé e magia.
- Até aqui os magos egípcios estiveram presentes e tentaram a sua sorte, mas sem sucesso. O texto quer mostrar que os egípcios seguiam o politeísmo e portanto eram extremamente idólatras. Geb era representado por um homem barbudo cabeça de ganso. Belzebu ou Escar era o deus das moscas. O deus do gado, Seráfis ou Ápis, deus com cabeça de touro, deus sagrado do gado. Amon-rá era o deus sol e por isso foi humilhado porque não conseguiu vencer os três dias de trevas no Egípto.

Redação do texto: algumas contradições e pontos de luz

A redação final do texto que conhecemos tem origem em duas narrações distintas que depois foram fundidas numa só. Inicialmente, as pragas eram apenas três (3ª, 6ª e 9ª) e a segunda narração falava de seis (1ª, 2ª, 4, 5ª, 7ª e 8ª). Sabemos isso, pela forma de narrar cada uma das pragas.

A primeira respeita sempre o mesmo esquema: palavra de Deus; ordem e execução;

A segunda narração rege-se pelos mesmos dois refrões: “*de manhã*” e “*vai ter com o faraó*” (ou “*apresenta-te*”). Estes esquemas facilitam a memorização do leitor, porque antes dos textos serem escritos eram transmitidos oralmente.

Podemos perguntar: será que esses fenômenos são mesmo históricos? Aconteceram mesmo? Nós não sabemos ao certo, histórica e cientificamente falando. O que sabemos é que o autor sagrado tinha uma intenção muito precisa quando os escreveu como palavra divina. A sua intenção era revelar que Deus Javé esteve tao presente na vida e na história do povo bíblico, através da sua ação libertadora, que só um

coração obcecado como o do faraó não o percebeu. Perguntamos: *quando é que Deus intervém na história e na vida das pessoas?* Em duas circunstâncias muito precisas:

1. Quando o ser humano já não consegue fazer nada por si para alterar a sua situação.
2. Quando o ser humano acostumou-se de tal forma que já não quer sair, nem consegue sair da circunstância que criou à sua volta (mesmo a de miséria e escravidão). Aí, Deus intervém para desinstalá-lo e desafia-lo a novos caminhos...

O autor sagrado usa o “artifício literário” (forma de narrar) das pragas para dizer com a mentalidade daquele tempo que Deus intervém para libertar e desinstalar “*com mão forte e braço estendido*”.

Nós hoje sabemos que a tradição oral sempre acrescenta um ponto, exagera outro, até esquece outro e nem sempre segue à risca a nossa lógica atual do puro raciocínio dos acontecimentos como nós os vemos hoje. É isso que se percebe das narrações das pragas. Elas não aconteceram tal e qual como estão escritas. Só como exemplo: as águas transformadas em sangue. Coisa impossível. Além do que os magos egípcios realizam o mesmo prodígio em seguida; ou seja, fazem o que já estava feito! Mais: as moscas, piolhos, peste, chuva e fogo misturados que só atingem as casas e gado dos egípcios. Como é que o todo o gado dos egípcios morreu na 5ª praga (Ex 9, 6) é atingido novamente pelas úlceras na 6ª praga (Ex 9, 19).

Portanto, querer explicar cientificamente a narração das pragas é cair na infantilidade ou ingenuidade científicas. A tradição oral sobre a saída (êxodo) dos hebreus do Egipto foi escrita pelo autor sagrado onde reuniu todos os coloridos que dispunha e os fundiu num só quadro (texto), com todos os exageros e até contradições que existem e são próprias das tradições orais.

A décima praga: a morte dos primogénitos

Esta praga é destacada das outras porque é decisiva para a libertação do povo.

Na morte dos primogénitos Javé mostrou que era o Senhor da vida e da morte, porque os deuses do Egipto não conseguindo impedir a morte do primogénito do faraó, herdeiro não só do trono mas também da sua “legítima divindade”, subjugava-o a uma dimensão meramente humana e naturalmente inferior à verdadeira divindade de Javé.

Há um núcleo histórico que deve ser tomado em conta para a explicação deste acontecimento: S. Jerónimo (Epístola 78 a Fabíola: ML 22, 701) citando uma antiga tradição judaica, que naquela noite (Ex 11, 4-6), todos os templos egípcios foram destruídos por um grande terramoto. “Naquela noite” era celebrada a tradicional festa da “apresentação dos primogénitos”, pois estavam reunidos num templo. É claro que não morreram só os primogénitos, mas todos os que lá estavam e principalmente, foram destruídos os templos das divindades pagãs.

No entanto, parece haver também outra explicação: como era noite de Páscoa, lua cheia, os umbrais das casas dos judeus estavam marcados com o sangue do cordeiro imolado, distinguiam-se bem das dos egípcios, foi um momento oportuno para dizimar os primogénitos reunidos no templo para a “Festa da apresentação” e iniciar o chamado “êxodo-fuga”, que motivará a feroz perseguição do faraó aos judeus até ao Mar Vermelho. **Algumas conclusões:**

- O israelita via Deus em todas as coisas, sem precisar alterar os fenómenos da natureza. Acreditamos que acontecimentos que se deram de uma forma mais intensa e simultaneamente foram lidos e interpretados pelos crentes judeus daquele tempo como formas de dizer que Deus interveio na história em favor do seu Povo para fazer ver que Ele era o Senhor da História da vida e da morte.
- A importância dos primogénitos não serem oferecidos “em sacrifício” aos deuses, mas *consagrados* a Javé, o Deus verdadeiro.
- A experiência da escravidão do Egipto foi extraordinária lição de vida e história bíblica para o crente judeu: o povo de Israel é o Escolhido por Deus, o Primogénito de Deus entre todos os povos.
- A festa da Páscoa nasce nesse contexto onde a vida pode ser lida e vivida: escravidão (travessia do Mar Vermelho da dor) – êxodo (constante movimento de sair de si ao encontro do outro) – terra prometida (da felicidade e da graça).
- **Maiêutica do verbo “sair do Egipto”** aparece como um refrão que se repete nessa epopeia e em toda a Bíblia: “*Israel saiu do Egipto*”, tem também o significado de “parto”, “sair das entranhas”. Daí que não será forçado pensar que “*Israel saiu do Egipto*”, diz a Escritura: “*do Egipto chamei o meu filho*”. Os 11, 1 e depois Mt 2, 15 por relação a Jesus. Ou seja, lá foi gerado, bebeu da placenta da sua cultura e mentalidade religiosa ou até reagindo contra ela. Se “*Israel saiu do Egipto*”, ou seja, nasceu de lá, as **pragas bem podem ser as dores de parto desse nascimento e a travessia do Mar Vermelho o rebentar das águas amnióticas que possibilitaram o início da marcha da vida até à Terra Prometida.**